

Um pólo por todos e a globalização para si*

*Luis Fernando Novoa Garzon***

As elites econômicas de última instância procuram desesperadamente criar arranjos institucionais que lhes abram caminho para uma barbarização rápida, precisa e segura do mundo. O processo planetário de criação/simulação de valor torna obsoletas as intermediações sociais e territoriais. Liberalização, movimento, fluxo, enxurrada. Solapa-se a civilização decantada em remansos e interflúvios humanos. Os antigos marcos regulatórios baseados em acordos rígidos entre frações de capital estrangeiro e nacional, setores médios e setores populares caducam. Como as águas de um rio nunca são as mesmas, as regras também não. Os fatos consumados pelos monopólios, instantaneamente, se tornam a lei e o direito.

Questão de vida ou morte: os coveiros do capitalismo são seus parceiros? Quem consegue destruir e construir em tempo real?. Os ciclos econômicos alternam-se em único torvelinho. O irresistível vórtice da globalização redime e entroniza a suástica hitleriana. A 'pureza do corpo global' depende da redução das contradições sociais no seu núcleo e da sua extrapolação nas bordas. No olho do furacão, a calma estupefaciente. Ao redor, territórios, povos e suas épicas são tragados.

A autofagia cíclica cede lugar à perene. Não existem mais falhas de mercado quando os acertos são consensuais entre os conglomerados. O que pode significar uma 'interdependência' resultante

* Texto submetido e aprovado para publicação em setembro de 2003.

** Sociólogo, membro da ATTAC-Brasil.

da criação, vertical e monopolista, de circuitos transnacionais e internacionais de circulação, produção e financiamento? Sintonia fina para assegurar autonomia e segurança à cidadela estratégica da informação e dos fluxos de capital. Inexpugnável capital do capital defendida e camuflada por empreendimentos empresariais 'cooperativos e horizontais', *joint ventures*, subcontratações, terceirizações e participações cruzadas.

A integração das estratégias corporativas depende de seguidos rearranjos das alianças inter-empresariais em um país ou em um conjunto de países.. A governança corporativa global é a ideologia particular que desce dos topos destas redes. Os regimes internacionais e acordos multilaterais delineiam o terreno comum de atuação dos atores econômicos proeminentes, mas não definem uma diretriz política comum.

O déficit de governabilidade global indica o desfasamento entre a mundialização voraz do capital e a formação de instâncias legitimadoras em escopo correspondente. Qual o governo do mundo? A nova sociedade se faz com os tijolos da velha, costumava dizer Lênin. As estruturas administrativas do absolutismo monárquico tiveram muita serventia na construção dos Estados nacionais burgueses. A malha hierárquico-tradicional do czarismo serviu de suporte para a burocracia stalinista. Os instrumentos de intervenção e desnacionalização típicos do imperialismo norte-americano agora servem à uma causa única. Eis que a fome (global) de potência e vontade (imperialista) de potência por fim se encontram.

Cumprindo seu destino

Nos EUA não há lugar para perdedores. Eles não puderam viver para contar a história. Somente uma 'raça de heróis' poderia sobreviver a todas as atribulações da epopéia colonizadora. A travessia do Atlântico foi um verdadeiro êxodo para desenraizados e perseguidos. Nos grandes navios, o tifo, a tuberculose e a fome não da-

vam aos fracos o direito de prosseguir. A terra prometida estava reservada aos fortes. Os refugiados puritanos, os primeiros a chegar, fizeram da expulsão um motivo de engrandecimento. Mania de grandeza e mania de perseguição andam juntas: “se Deus é por nós, quem será contra nós?”. Apesar das múltiplas influências recebidas posteriormente, a herança calvinista-maniqueísta teve uma contribuição decisiva na formação da identidade do estadunidense e de seu senso comum.

Os percalços e desafios da ‘colonização heróica’ estavam apenas começando. O lar só se tornaria um doce lar, se dele fossem extraídas todas as ‘impurezas’. Tudo o que não servisse à auto-afirmação, tudo que se interpusesse no caminho da expansão – leia-se, salvação – seria designado como maligno. Aqueles que se consideravam perfeitos e eleitos por Deus concluíam que o ‘mal’ só poderia ser o diferente, o distinto, o outro.

A noção de supremacia e de superioridade foi construída no processo de demonização dos índios, espanhóis, mexicanos, negros, alemães, japoneses, soviéticos, sérvios, latinos, islâmicos, ou seja, de todos os não americanizáveis. Procurando manter intacta sua essência, esta micro-sociedade européia transplantada na América, resvalou para o integrismo religioso-cultural e para o racismo mais sórdido. Os piores fundamentalismos nasceram na ‘Pátria da liberdade’.

Deus não morreu como disse Nietzsche, foi seqüestrado pelo Império norte-americano. Os guardiões do cativeiro têm em suas mãos um mandato exclusivo para administrar a Criação e todas as suas criaturas. Até mesmo o paraíso foi demarcado e privatizado: *“Deus escolheu a América para que aqui se construísse a sede do paraíso terrestre, por isso, a causa da América será sempre justa e nada de mal jamais lhe será imputado. Os colonos são os verdadeiros herdeiros do povo eleito, pois preservam a santa fé. Nossa missão é liderar os exércitos de luz em direção aos futuros milênios.”* (pregações puritanas, New Jersey, 1660)

A predestinação dos EUA, somatória da predestinação de cada estadunidense, é uma profecia conscientemente autocumprida. Este discurso salvacionista foi muito mais determinante que qualquer re-

ferência formal à cidadania ou à lei. Sob o impulso dessa volúpia vieram a independência, a marcha para o Oeste, a guerra civil, o grande mercado e os grandes monopólios. A economia norte-americana passou a ser controlada por trustes industriais em associação com os grandes bancos. Era chegada a hora de iniciar a conquista do mundo. O capital monopolista podia se esconder por detrás do arquétipo de uma nação de colonos livres e unidos por valores morais comuns. A expansão das grandes corporações, tendo por plataforma as belicosas forças armadas norte-americanas, seria vista como a expansão de um ideário e de um modo de vida superior. O 'destino manifesto' dos EUA revela o paradoxo de um Império que se formou e se nutriu no seio de uma nação democrática, e por isso é o único capaz de projetar e representar interesses particulares, global e universalmente.

O imperialismo norte-americano, mais que qualquer outro, invocou para si uma missão civilizatória. Os sucessivos Presidentes dos EUA não fizeram outra coisa senão universalizar os mais particulares interesses. Seus nomes estão inscritos na história do expansionismo ianque: Corolário Polk, Corolário Roosevelt, Doutrina Monroe, Doutrina Truman, Doutrina da Boa Parceria de Eisenhower e Doutrina das Novas Fronteiras de Kennedy. George Bush (o pai) também deixou sua contribuição quando lançou em 1990 o programa 'Iniciativa para as Américas', a demarcação da base territorial e econômica a partir da qual se projetaria o poder dos EUA sobre o mundo. No ano seguinte, com o fim da Guerra Fria e da URSS, criaram-se condições objetivas para o estabelecimento de uma ordem mundial polarizada exclusivamente pelos EUA. Falta-vam, contudo, justificativas políticas e motivos morais.

O terrorismo internacional, o novo 'inimigo', clarificou o papel dos Estados Unidos no mundo, revelando sua inescapável missão. Elaborado pelas aves de rapina do Complexo bélico-tecnológico, o discurso de Bush Jr. não peca por eufemismos: *"Na grande tragédia, também vimos grandes oportunidades. Nós temos que ter a sabedoria e a coragem para aproveitar estas oportunidades. A maior oportunidade dos Es-*

tados Unidos é a de criar um equilíbrio no poder mundial que favoreça a liberdade humana. Nós usaremos nossa posição sem paralelo de força e influência para construir um clima de ordem e abertura internacional”.

Preparam o pior para depois preparar o melhor para si. As novas Cassandras anunciam as mais terríveis desgraças que elas próprias se esforçam por executar. Quando as tragédias se transformam em tábua de salvação, que ninguém duvide da capacidade daqueles, que se determinaram a salvar o capitalismo, de planejá-las com precisão e maestria.

A mão do imperialismo te sustentará

Nova York, cidade-tela, onde tudo acontece primeiro. Nela se exibem os efeitos especiais do futuro aterrador. O que sói acontecer em mercados sem transparência. No que dá um sistema internacional sem o monitoramento da justiça infinita. Os atentados terroristas do dia 11 de setembro e os crimes financeiro-contábeis patrocinados pela tecnoestrutura de Wall Street foram demonstrações espetaculares do derretimento das formas jurídico-políticas do capitalismo multipolar. Sobre o fogo da guerra total novas estruturas de poder são forjadas. A previsibilidade erige-se como o valor supremo de uma era clonada e precocemente senil. Insosso presente fluindo obediente por entre interdições. Loas de amor ao Grande Irmão do norte, garante da ordem, da energia, da moeda e dos desejos possíveis.

O Império norte-americano reivindica messianicamente a condição corpórea do divino mistério do capital coletivo. Onde se avoluma e se define como moeda corrente, lá está o centro de gravidade do mundo do capital. O dólar, preço dos preços, proporciona ao seu guardião a senhoriagem das oscilações derivadas da oscilação cambial primeva, pelo próprio promovida. Não é por outro motivo que capitais de todas as origens se dispõem a financiar a infinita dívida interna norte-americana. Sob as asas do FED crescem e se reprodu-

zem antes de mais uma jornada predatória. O Banco Central dos EUA constitui-se em um regulador informal dos fluxos mundiais de capitais. Na prática é um órgão de agregação dos interesses dos conglomerados financeiros privados

O maior mercado consumidor do mundo garante as posições mundiais das grandes cadeias produtivas e comerciais. O sistema produtivo do país se especializou de tal modo nos setores ponta que suas plantas operacionais transbordaram quase que integralmente do território. O déficit comercial norte-americano esconde o maior superávit corporativo do planeta, já que dois terços dele representam um intenso comércio intrafirma. A divisão internacional do trabalho precisa ser administrada 'internamente'. No fim das contas diluem-se os limites dos âmbitos internos e externos. Essa a razão de ser da Área de Livre Comércio das Américas.

A resultante política da economia mais internacionalizada e transnacionalizada do mundo, em meio a uma grave crise estrutural do capitalismo, não poderia ser um mero Estado nacional ou tão somente um Império. A globalização ganha a carne, os nervos e os músculos do Imperialismo norte-americano, dando-lhe em troca projeto e sentido universal.

Tirania mundial compartilhada

A recessão norte-americana, e conseqüentemente a mundial, não será superada com medidas anticíclicas clássicas. Não há recursos na esfera pública e os mecanismos redistributivos foram inviabilizados depois de duas décadas de políticas neoliberais. Não há outra forma de iniciar um novo ciclo de crescimento sem recorrer ao canibalismo econômico e social e à guerra permanente. O capitalismo está em decomposição e suas elites se nutrem do apodrecimento que elas mesmas patrocina. Mercado de pobres a extorquir, mais promissor não há. Como se explica a intensificação da produtividade e da rentabilidade sem que se crie riquezas novas?

No capitalismo-cassino o real se torna virtual e vice-versa. Não se enxerga mais o trabalho social no processo de reprodução do capital. Dinheiro – Dinheiro, o ponto de chegada é o ponto de partida ampliado. Todo o resto é instrumento, ponte, plataforma. A produção é um ônus a ser transferido. A super-produção, o modo como o capital financeirizado socializa seus prejuízos.

Depois dos últimos esperneios multipolares, naturais em uma transição tão abrupta, impera o clima de compadrio. Com o petróleo de Sadam na mesa, as objeções tornam-se quantitativas. A 'reconstrução' do Iraque é o laboratório do ordenamento unipolar compartilhado. O dinheiro, equivalente geral de todas as coisas, também torna equivalentes seus possuidores, os grandes ainda mais. Infernal condição em que muitos roubam pouco. Paradisiaca a que poucos roubam muito. Quanto maior o bolo, menor, e mais previsível a sua divisão.

A *pax* mafiosa se faz entre as quadrilhas que acumulam mais poder. O co-governo imperial dos EUA do núcleo de sistema financeiro associado ao Complexo bélico-tecnológico procura definir o ritmo e a direção da reprodução capitalista. Governos dos pólos subsidiários e redes econômicas territorialmente correspondentes contentar-se-ão com as sobras, desde que suas economias possam se livrar dos vetores de regulação social. A guerra de domesticação da periferia e a guerra contra o Welfare State são desdobramentos de uma estratégia comum.

Não se veja qualquer contradição inter-imperialista na súbita valorização do euro frente ao dólar. Foi-se o tempo dos atritos entre zonas monetárias. As lealdades regionais remontam a economias tangíveis marcadas por encadeamentos espaciais. O euro valorizado assume provisoriamente o papel de hedge enquanto os capitães da zona do dólar tratam de estabilizar a economia mundial a seu modo.

A União Européia foi implodida a partir de alianças pontuais dos Eua com a Inglaterra, Espanha e Itália. A ampliação a leste incorporou países previamente formatados pela OTAN e por acordos econômicos bilaterais. Enquanto a integração européia expressar

apenas os desideratos dos seus conglomerados econômicos, os atritos serão mínimos e plenamente contornáveis. A Europa é um continente geopoliticamente afônico pois está sob controle de forças de ocupação norte-americanas. As elites européias só conseguem produzir consensos parciais e de curto prazo, daí a quase paralisia decisória que toma conta de seu processo de construção regional. O europessimismo se converte em euroativismo. Milhões nas ruas não aceitam nem cabresto geopolítico nem o aprofundamento das reformas privatistas. Não se questiona esta ou aquela medida, mas a própria União Européia como um suporte para o espraiamento do poder de Washington.

Supremacia hegemônica é um paradoxo, assim como o é o imperialismo norte-americano de caráter universal. Três níveis de poder se entrecruzam: o super-imperialismo da potência-chefe, o poder condicionante das demais potências e o ultra-imperialismo dos conglomerados transnacionais. Um pacto provisório e movediço entre estes níveis confere aos EUA amplos poderes para plasmar a ordem mundial, mas de acordo com um mandato exaustivamente negociado nas altas cúpulas. O novo tipo de imperialismo não tem nenhuma relação com gostos megalômanos ou submissos. Aquele que tiver o pretexto universalizante ideal, além de exibir capacidade destrutiva não equiparável praticando *accountability* sistêmica, assume o trono.